

Blank Generation na estrada

Sex Pistols; Damned; Heartbreakers; Clash: Leeds
New Musical Express, 11 de dezembro de 1976

Kenneth Anger chamou James Dean de “cinzeiro humano”. Talvez ele devesse ter esperado vinte anos para ver as queimaduras de cigarro que Rotten fez nos próprios braços. “O corpo é meu e faço o que quiser com ele.”

Os Pistols subiram ao palco no Leeds Poly com alguns poucos aplausos, muitos excessos e alguns objetos arremessados contra eles. É impossível esse bando ser como seus fãs de Londres “pogando”.

Glen Matlock e Steve Jones ligam seus instrumentos e Paul Cook se senta na bateria enquanto Rotten se apóia no pedestal do microfone, abre uma lata de cerveja e frita a platéia com seus olhos vidrados, provocadores e cínicos: cabelo espetado e tingido de vermelho, rosto pálido e cada-vérico, metal pendurado nas orelhas, pernas esqueléticas, colete vermelho, gravata preta e alfinetes – ele parece o cadáver anfetaminado de uma edição dominical da imprensa marrom.

Algo atirado da platéia acerta em cheio o seu rosto. Rotten olha para a pessoa que o atacou, seus lábios revelam dentes destruídos. “Não me venha com essa merda”, ele resmunga, “porque não mexemos com vocês... Esta primeira música é dedicada a um vereador de Leeds, Bill Grundy e à rainha – vão se foder!”

E segue-se uma apresentação ensurdecadora do hino da Blank Generation, “Anarchy in the UK”, numa performance ainda melhor que o *single* que estreou em 43ª posição. A seção rítmica de Cook na bateria e Matlock no baixo está afinadíssima, adornando perfeitamente a guitarra pneumática de Steve Jones e os vocais desordenados e dementes de Johnny Rotten.

É um começo forte, mas infelizmente tanto para os Pistols quanto

Tony Parsons

para a platéia, ele é o ponto alto da apresentação. O público fica muito contido durante “Lady Sod”, “No Future” e “Pretty Vacant”, e não consegue nem ver o humor na introdução realmente confusa desta canção.

Rotten olha para eles. “Vocês não estão destruindo o lugar”, diz ele, “O *News of the World* vai ficar muito decepcionado.”

O comentário até rende uma risada, mas a multidão parece não perceber que as duas coisas que Rotten odeia mais são a apatia e a complacência, e ambas estão predominando esta noite no Leeds Poly. “Eu espero que vocês detestem”, ele grita. “Se não gostarem, sabem onde fica a porta!”

Um pouco antes ele estava tomando um gole de cerveja de uma lata e oferecendo para o público. Agora ele está cuspidando neles...

Até nas músicas que conhece, como “Substitute”, do The Who; ou “Stepping Stone”, do Monkees, o público nunca se envolve de verdade. Rotten está enlouquecendo com uma raiva frustrada. Um objeto qualquer é jogado da platéia e atinge o seu rosto. “Vocês só ficam aí parados, nem sabem se gostam ou não!”

A banda finalmente volta para mais algumas músicas. A letra de “What’cha Gonna Do ‘Bout It”, do Small Faces, muda para “*Want you to know that I hate you baby, want you know I don’t care*”, e então chega a última música, a multidão finalmente fazendo algum esforço para levantar a banda. A canção é “No Fun”, do Iggy Pop, a performance ao vivo definitiva dos Pistols, mais ainda que “Anarchy”.

Eles foram embora em seguida e eu senti muito. Uma série de shows cancelados, a imprensa os rotulando de Inimigos Públicos nº1, uma parte amedrontada da imprensa de rock dizendo que eles não sabem tocar (obviamente uma mentira) – e quando eles finalmente têm uma chance de se apresentar, o público não corresponde. Que bosta!

O Clash abriu a noite com um ótimo *set*, um rock muito envolvente, altamente ousado e violento. Tive a impressão de que eles não esperavam nada do público ou de qualquer outra pessoa, para que não tivessem os mesmos problemas que os Pistols. Joe Strummer, vestindo um moletom verde adornado com os dizeres “*Social Security £9.70*”, ignorou os encrenqueiros da platéia enquanto fez a introdução falada de “White Riot”. É a melhor canção deles, sobre estar no meio da revolta de Notting Hill sem ser nem policial nem negro. “*I wanna riot of my own.*”

Mick, o eixo principal, usando uma camisa com a bandeira britânica manchada de tinta, pula como Towshend, parece o neto de Keith Richards e boa parte do tempo canta com Strummer. Outras canções

Disparos do front da cultura pop • MÚSICA

incluem “Bored with the USA”, “London’s Burning”, “Career Opportunity” (“dedicada a todos vocês estudantes”) e “1977”: “*Hope I go to heaven, been too long on the dole...*”. Se você não sabe por que eu chamo de rock da fila do seguro-desemprego, é porque não viu o Clash.

Gostei dos Heartbreakers porque eles me lembram o New York Dolls – a maneira como tocam, as músicas e às vezes o visual. Com o ex-Dolls Jerry Nolan na bateria e Johnny Thunders nos vocais (ambos com cachos bem tosados como uma concessão ao Reino Unido), era impossível não compará-los aos seus dias com Johansen, Sylvain e Kane.

Bom, eles não são tão bons quanto os Dolls *ainda*, os outros dois membros da banda são menos loucos que o Dolls das antigas, mas se viverem o suficiente podem se transformar em algo muito interessante.

“I Wanna Be Loved”, do “Needles” Nolan, como Johnny Thunders se refere a ele, tem *sucesso* carimbado do começo ao fim. E os Heartbreakers são definitivamente melhores que os Ramones.

Eu esperava ansiosamente a aparição dos reis das filas do seguro-desemprego The Damned, mas eles acabaram sendo a maior decepção da noite. A frustração de shows cancelados, um show muito curto e problemas nos bastidores contribuíram para a falta de brilho da performance.

E ninguém melhor que Rat, Brian, Dave e The Cap para saber disso. Mas eu apostaria minhas fichas que da próxima vez, ansiosos para se auto-afirmar de novo, eles vão tocar as maravilhas que esperamos deles, e que eles mesmos esperam.

Agora preste atenção. Se os beatos hipócritas que governam nosso país banirem essa turnê da sua cidade, levante sua bunda cansada da cadeira e vá para uma cidade próxima, ou talvez nem tão próxima, até ter a chance de conferir os shows.

Porque, se você perder essa chance, duvido muito que tenha a oportunidade de ver uma turnê como essa de novo. E se você não for, tudo o que posso dizer é que você é um idiota.

O desempenho

Elle, fevereiro de 1994

O sexo é diferente para os homens. As mulheres querem ficar abraçadas depois. Os homens querem receber uma nota. Não é por besteira que um homem pergunta “Foi bom pra você?”. O maior medo dele é que numa noite escura você responda: “O *quê* foi bom pra mim?”. Existe uma grande lista de coisas que são cruciais para que um homem se sinta bem consigo mesmo. Brigar, dirigir, ganhar dinheiro – um homem, qualquer homem, quer ser bom nestas coisas. Mas ele preferiria ser pacifista, não ter carro nem dinheiro a ser inapto na arte do sexo. Ele é capaz de trocar o seu reino e tudo que vem nele, contanto que seja bom de cama.

Por que os homens se preocupam tanto com seu desempenho sexual? Por que ganhamos hérnias tentando fazer a terra tremer? Porque desempenho sexual *não* é como tocar piano – não é algo que se aprende, aperfeiçoa e depois mostra em festas para entreter as pessoas. Bom, tudo bem, é um *pouco* como tocar piano. Com prática e experiência suficiente, você pode atingir um grau de proficiência, aprender algumas modulações e alcançar alguns movimentos mais complexos. Mas existe um amargo revés. Em algumas circunstâncias, um homem pode alcançar a *Nona Sinfonia* de Beethoven. E em outros dias o mesmo homem só consegue tocar o básico.

Naturalmente, os homens querem ter uma boa performance porque sexo bom com alguém que se ama é uma experiência maravilhosa. Mas acima de tudo os homens querem ter um bom desempenho porque são uns palhaços vaidosos. E inseguros. Desempenho sexual é onde a vaidade e a insegurança de um homem se projetam, onde ele descobre se é um homem de verdade ou se não é homem o bastante.

E é diferente todas as vezes! Esse é o problema. Não é como café

instantâneo, meninas. Não é só acrescentar água quente e mexer para dar gosto. Vocês podem ficar um pouco preocupadas com quanto tempo leva para esquentar o motor, mas o espécime masculino é uma criatura frágil. Indiferença, distração, raiva – o corpo dele vai cruelmente refletir todas essas emoções. Vocês podem fingir um orgasmo, mas nós não podemos fingir uma ereção.

O desempenho sexual é importante para homens de todas as idades. Até o adolescente cheio de testosterona que, imaginamos, só quer uma oportunidade de colocar seu pênis para fora, se preocupa desesperadamente em fazer um bom trabalho. Quando eu era adolescente, era normal se preparar para um encontro se barbeando, tomando banho e batendo uma – a última parte para garantir que o ápice do êxtase não acabasse antes mesmo de começar. Conseguir levantar e fazer tudo errado provavelmente é considerado pior que simplesmente não conseguir começar uma partida. A maioria dos homens não teme a impotência. Teme a mediocridade. Nós aspiramos à excelência – três vezes por noite.

Beber demais é, sem dúvida, a desculpa mais velha para uma performance medíocre – ou inexistente – e a única aceitável. Mas existem mais de mil outras pequenas distrações que podem colocar um homem em perigo. Qualquer coisa, desde sentir culpa até os pêlos – os seus, não os dele –, pode fazer um homem jogar mal. (Note como, mais uma vez, eu faço uso de fraseologia de esportes competitivos!)

Eu tinha um amigo que amava a namorada, mas queria alguma atividade extracurricular. Ele finalmente acabou na cama com uma garota de quem gostava e descobriu que seu impulso sexual tinha diminuído consideravelmente. A chuva interrompeu a partida. A mulher não encarou numa boa, e nem meu amigo. Ele se sentiu mal pela garota que não satisfaz e pela namorada que quase traiu. Mas acima de tudo ele se sentiu mal consigo mesmo: o que deu errado?

Para mim era óbvio – na verdade, ele não queria trair a namorada. A incapacidade de ter uma ereção estava toda na sua cabeça. Mas ela o preocupou, atormentou e atingiu onde importava. E eu entendi. Eu também ficaria preocupado. Qualquer um de nós ficaria.

Falando abertamente, existem duas razões por que todos os homens do mundo gostam de sexo oral. Uma delas é porque é bom. A outra é porque um boquete alivia o fardo do desempenho do homem. E isso provavelmente é ainda melhor. É claro que queremos ter um bom desempenho. Obviamente nós queremos deixar vocês em estado de graça. Os homens percebem que sexo não é uma coisa estanque. A tendência é

Tony Parsons

melhorar ou piorar. Talvez esteja melhorando porque os dois estão confiando mais um no outro, se familiarizando mais com os desejos mais secretos do outro. Ou esteja piorando porque vocês talvez estejam juntos há tempo demais. Assim, se ele tem um desempenho excelente, um homem sabe – ou pelo menos acredita – que está tudo bem na relação. Nada é mais reconfortante.

“Você me ama?”, pergunta uma mulher. “Você gozou?”, pergunta um homem. Bem, se você precisa perguntar... e, claro, em seu desempenho sexual um homem vê o reflexo da passagem do tempo. Sexo com uma garota de dezesseis anos ou com uma mulher de 35... é tão diferente assim? Não sei. Mas, para um garoto de dezesseis e um homem de 35, são maneiras de viajar completamente diferentes. Uma é um visto breve e de múltiplas entradas, a outra é uma longa viagem de barco para a China. Três vezes em uma hora não é nada quando se tem dezesseis anos. Isso passa. O entusiasmo de coelho vai embora, mas, com as pirotecnias do desempenho sexual, nós disfarçamos o fato de que – aos olhos da Mãe Natureza – já passamos do auge. Então é melhor que tenha valido a pena.

Homens são ridiculamente fáceis de agradar depois que a cortina se fecha em mais uma performance. Algumas palavras calorosas vindas de você o farão suspirar e o deixarão orgulhoso.

Mas veja do ponto de vista dele – ele precisa pensar em tantas coisas. Durou o suficiente? Foi delicado o suficiente? Foi selvagem o suficiente? A frequência foi boa? Essa coisa da língua – ele fez tudo certo? E essa intervenção do mundo moderno, ter que sair da cama para colocar a porcaria da camisinha... estragou o clima para você? Não mesmo? Depois de tudo isso, é um alívio saber que todos se divertiram. Não, mas sério – de zero a dez...